



A UTILIZAÇÃO DOS JOGOS NA ALFABETIZAÇÃO CARTOGRÁFICA

Isa Ribeiro Pessanha¹
isaribeiropessanha@gmail.com

Resumo

Este trabalho consiste numa narrativa da prática pedagógica realizada em uma escola de Campos dos Goytacazes - RJ. As ações relatadas aqui compreendem tanto a prática docente como a receptividade dos discentes que são crianças de cinco a sete anos de idade, que cursam o primeiro ano do Ensino Fundamental I. Essa prática aparecerá como uma provocação à conscientização dos discentes sobre a sua orientação no espaço introduzindo as noções de lateralidade (direita, esquerda, cima e baixo/ norte, sul, leste e oeste) utilizando um tapete geográfico em forma de “Amarelinha” e o “Jogo do Quem/O quê?” que servira como um método avaliativo da percepção do aluno sobre o que foi visto em aula expositiva e durante a “Amarelinha”. Todos as dificuldades e sucessos deverão ser expostas ao longo da discussão, uma vez que se trata de uma turma onde poucos alunos receberam tais estímulos na Educação Infantil.

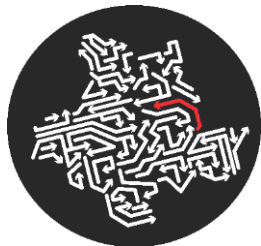
Palavras-chave: prática; orientação; lateralidade.

Introdução

A ideia desse relato é trazer à tona reflexões sobre a alfabetização cartográfica nas séries iniciais do Ensino Fundamental, bem como a valorização da percepção do indivíduo como sujeito conhecedor do seu espaço, uma vez que em muitos casos pouco se estimula nas escolas essa noção, principalmente em séries iniciais. Limitar o conhecimento cartográfico do aluno simplesmente a reprodução de mapas, sem mesmo ele conhecer o seu próprio espaço é efetivamente confirmar para o aluno que a Geografia é simplesmente uma matéria descritiva, com desenhos para decalcar e que pouco dará sentido para sua vida.

Conhecendo as prerrogativas de uma alfabetização cartográfica autônoma, que valoriza os significados trazidos pelas crianças e que entende a figura do professor como um sujeito que deve criar condições para que esses significados sejam de fato enriquecedoras para os discentes (PASSINI, 2012), este trabalho propõe o aprofundamento do professor no cotidiano dos alunos utilizando jogos e a própria sala de aula para dar o fundamento necessário para a criança adquirir a compreensão concreta do seu espaço para só mais tarde compreender mapas feitos por outrem.

¹ Graduanda em Licenciatura em Geografia na Universidade Federal Fluminense / Campos dos Goytacazes



Desse modo, os jogos são grandes aliados nesse processo, uma vez que proporcionam uma aprendizagem despreziosa e efetiva que contribuem significativamente para a formação da criança tanto cognitivamente como na construção de sua integridade, embora não sejam elementos únicos e determinantes no processo ensino-aprendizagem. (BREDA, 2013)

Alfabetização cartográfica e o ensino de Geografia

Para haver de fato uma melhor compreensão do espaço, seria interessante tanto para o professor, quanto para o aluno trazer situações do próprio cotidiano para que haja uma relação efetiva entre o sujeito e o espaço, sugerindo para o aluno a sua própria perspectiva sobre o espaço que ele vive e assim construir um saber geográfico crítico e não somente o que se idealiza para tirar boas notas e identificar países no mapa. Claro, a interpretação de mapas políticos é de suma importância para compreender a dinâmica do mundo, porém se o aluno não tiver domínio sobre o próprio espaço que ele habita, se não ficar claro para ele noções básicas como as discutidas aqui, e ainda se ele não for capaz de aplicar esse conhecimento em situações práticas do seu dia a dia, não adianta esse aluno tentar entender questões complexas como, por exemplo, um mapa político.

A capacidade de visualizar a organização espacial é um conhecimento significativo para a participação responsável e consciente na resolução de problemas do sujeito pensante. Aquele que observa o espaço, representa-o e tem capacidade para ler as representações em diferentes escalas geográficas será um sujeito cognoscitivo, que dará contribuições significativas na tomada de decisões. (PASSINI, 2012, P. 39)

Concordando com a autora, fazer com que a criança analise, critique, perceba o seu espaço de uma maneira concreta e dentro da sua própria perspectiva, forma um sujeito autônomo, responsável e capaz de dar significado as demais representações que encontrar durante sua vida escolar.

É importante ressaltar que além da autonomia possível de se provocar na criança através da análise do seu próprio espaço, existe o estímulo de aprofundar a relação espaço-corpo do aluno, uma vez que as referências utilizadas para definir a frente, atrás, direita e esquerda é o seu próprio corpo e que proporcionou a organização do espaço internamente para poder aplicar esse saber externamente a partir da análise do espaço. (JULIASZ; ALMEIDA, 2012)



A turma em questão, é um grupo de crianças que estão cursando o primeiro ano do Ensino Fundamental, compreendem as idades de 5 aos 7 anos, isso quer dizer que parte da turma vivencia a incapacidade sintética e outra parte iniciando o ciclo do realismo intelectual, onde PASSINI coloca a incapacidade sintética (3 a 5 anos) como um período em que a criança não tem muita dimensão de proporcionalidade, o que pode acontecer com que nesta fase, seus desenhos fiquem visivelmente desproporcionais entre si, porém a noção de vizinhança já começa a se estabelecer, de modo que já existe uma relação desses sujeitos com o espaço. No entanto, o realismo intelectual (6 à 9 anos) as relações de vizinhança, separação, proximidade, exterioridade, interioridade já estão bem estabelecidas e, dessa forma, já se tornando aptos na formação de pequenos mapas, como veremos mais adiante. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, um dos critérios de avaliação do primeiro ano do Ensino Fundamental compreende a utilização de elementos da linguagem cartográfica, ou seja, cor, símbolos, relação de direção e orientação, função de representar o espaço e suas características, delimitar as relações de vizinhança. Seguindo este critério, é que a proposta dessa atividade foi desenvolvida.

O papel do professor de Geografia é de suma importância nesse momento, pois é onde através de sua prática que ele vai preparar o aluno para pensar o seu próprio espaço ou simplesmente para passar de série, o que são situações totalmente distintas, pois no primeiro caso, o aluno além de entrar em processo de construção da sua autonomia, desenvolverá melhor relação sujeito – espaço e com isso o conhecimento é efetivamente conquistado. Já na segunda situação, a criança estará fadada a reduzir a Geografia e uma disciplina meramente baseada em cópias, decalques e pouca significação na sua vida.

A importância dos jogos como aliada no processo ensino-aprendizagem

Os jogos são aliados muito importantes na formação do aluno, uma vez que promovem a socialização, a curiosidade naquilo o que está sendo colocado pelo professor em sala de aula. (BREDA, 2013). Claro que sozinhos os jogos não são garantia de que a detenção do conhecimento se cumpra, porém, é um material auxiliar que quando bem trabalhado é de grande utilidade tanto para alunos como para professores.



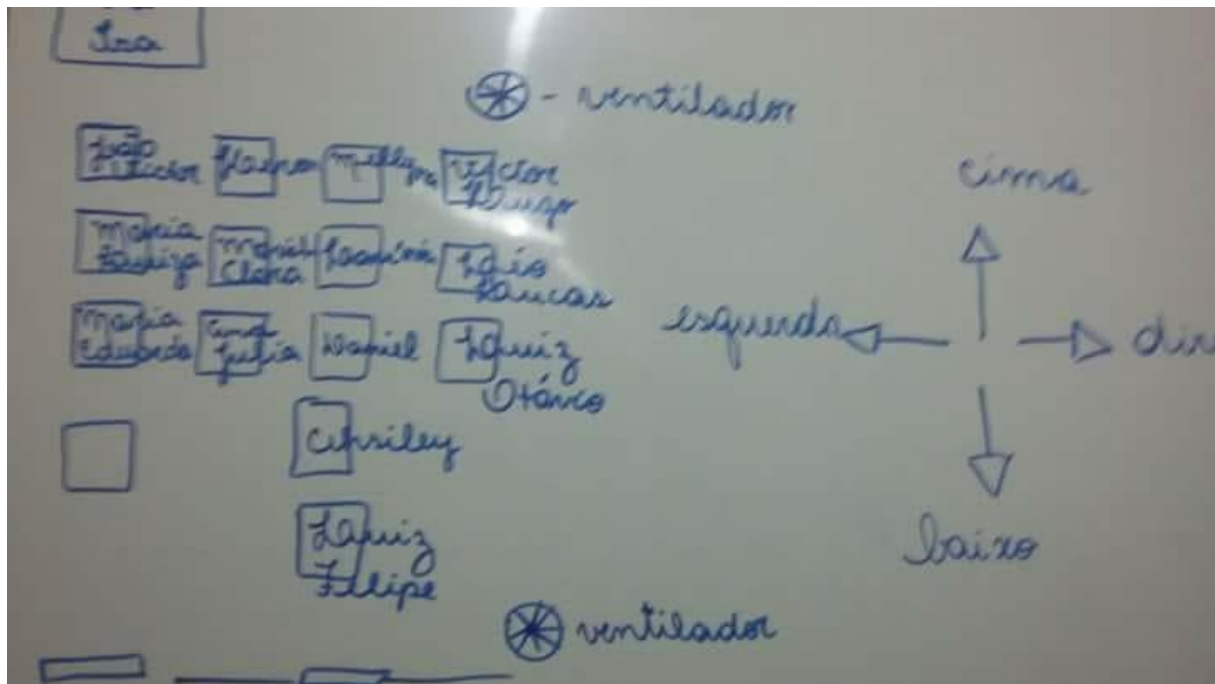
Na atividade proposta aqui, foram utilizados dois jogos, porém, nenhum deles possui caráter competitivo, são jogos que não possuem um ganhador. Todos ganham; em conhecimento e em novas possibilidades de organização de seu próprio espaço.

O primeiro jogo, é o “Amarelinha Geográfica” que consiste em um tapete que contém setas que representam as direções básicas (frente, traz, direita e esquerda) onde o aluno joga a pedrinha na casa e até chegar na casa que a pedrinha cair ele vai pulando a amarelinha e falando as direções. Este jogo pode ser feito na área externa da escola, no pátio ou, se houver espaço, na própria sala de aula. Veja:



Neste jogo, quem errar a direção, volta e repete a sequência.

O segundo jogo, é o “Jogo do Quem/o Quê?” Que a partir do primeiro jogo, será trabalhado as orientações dentro da sala de aula. A professora utilizará o quadro, demonstrando o mapa da sala de aula e perguntar a cada um quem ou o que está ao seu Norte, Sul, Leste ou Oeste, da perspectiva do aluno. Veja:



Nesse momento, cada um será perguntado quem o que está atrás, na frente, a direita e a esquerda e, de acordo com a resposta, cada um fará o seu próprio mapa da sala de aula.

Assim, com o auxílio dos jogos a compreensão sobre as orientações e a análise como um todo na sala de aula deverá ser cumprida de maneira satisfatória, de modo que cada aluno seja capaz de produzir o seu próprio mapa da sala de aula.

Desenvolvimento das atividades

A turma na qual foi desenvolvida essas atividades, é uma turma de quinze alunos de uma escola particular em Campos dos Goytacazes – RJ. As crianças têm faixa etária de cinco até sete anos, trata-se de uma turma que possui um bom desenvolvimento e respondem bem aos estímulos trazidos anteriormente pelo professor.

Essas atividades se deram em três momentos distintos. No primeiro momento, a professora da turma fez uma aula expositiva dialogada, demonstrando para a turma as

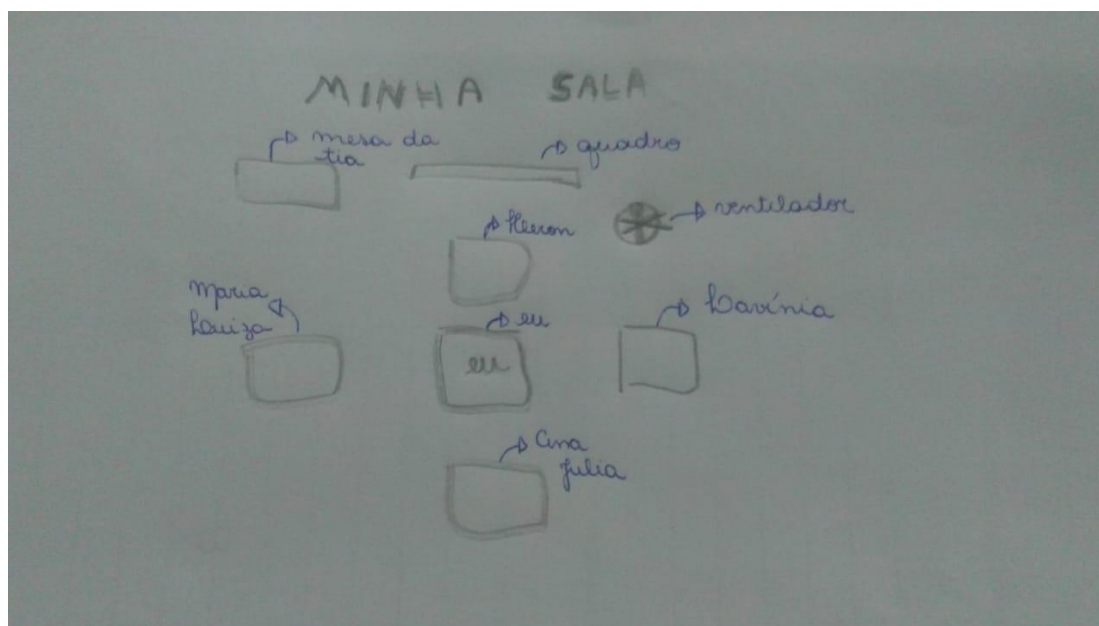


orientações que foi finalizada com exercício corporal, inclinando os corpos para frente, traz, direita e esquerda.

No segundo momento a turma foi levada para o pátio da escola, onde foi utilizado o tapete, no qual eles brincaram de amarelinha e puderam aplicar aquilo que tinham feito em sala de aula durante a aula expositiva.

Em um outro momento, em sala de aula, a professora reproduziu no quadro, com a ajuda dos alunos, o mapa da sala colocando os pontos de orientação para os alunos compreenderem a espacialidade da sala e relacionarem com o que eles brincaram no pátio.

No quarto e último momento, a professora sugeriu que os alunos criassem um mapa da sala, de acordo com a perspectiva de cada um. É claro, que as provocações que a professora fez a turma partiram da linguagem própria deles, então por isso não existiu aula expositiva, mas uma conversa diferente onde eles riram ao inclinar o corpo para frente, para trás, para esquerda e direita; A brincadeira não foi para aplicar o que eles tinham visto em sala, a brincadeira foi para a “tia ter certeza que está todo mundo craque”; E o mapa da sala reproduzido no quadro, cada um foi falando quem estava a sua frente, traz, direita e esquerda até formar o grande mapa da sala de aula, que para eles adaptado para um desenho para ver onde é o lugar de cada um, dessa forma a turma teve meios para produzir, para desenhar o seu mapa, de acordo com a sua perspectiva . Veja:





Neste mapa, a Maria descreveu para a professora cada item que ela havia desenhado e a professora foi escrevendo ao lado o que ela estava dizendo, uma vez que a aluna ainda não tinha propriedade absoluta da escrita dos nomes dos colegas. Todos os outros mapas seguiram nessa mesma linha de raciocínio.

De acordo com a faixa etária de Maria, ela produziu seu mapa da sala de aula de acordo com aquilo o que estava a sua volta, ou seja, o espaço foi idealizado por ela de acordo com as referências que a sua relação com o corpo proporcionou; o colega da frente, de trás, dos lados e não só a posição dos colegas foi relacionado por ela, mas também a mesa da professora e o quadro, que de acordo com a posição da sala, estavam a sua frente em relação a ela mesma. A faixa etária de Maria é considerada por Lowenfeld e Brittan como o momento em que a criança já demonstram as primeiras tentativas de representação do espaço por aquilo que a cerca, de modo que o espaço já pode ser considerado relacionado efetivamente com o corpo. (JULIAZS; ALMEIDA, 2013)

O interessante desse resultado foi perceber que ninguém copiou o que estava no quadro pronto, cada um fez o seu mapa de acordo com a sua perspectiva, de acordo com o que viu com nos jogos e nas brincadeiras ao longo das aulas. Para a realização dessas atividades, a professora da turma precisou de duas aulas:

Cronograma de atividades	
Primeiro dia	Segundo dia
<ul style="list-style-type: none">• Apresentação do tema – aula expositiva (15 minutos);• Jogo “Amarelinha” (35 minutos)	<ul style="list-style-type: none">• Produção do mapa da sala no quadro – “Jogo Quem ou o quê?” (10 minutos);• Produção do mapa da sala de aula pelos alunos. (40 minutos)

Tabela 1: Cronograma de atividades

Considerações finais

A ideia principal que norteou este trabalho foi a necessidade da provocação da autonomia das crianças em relação a sua alfabetização cartográfica. A ideia era que os alunos pudessem analisar a própria sala de aula através de um novo olhar, percebendo a sala de aula como instrumento de aprendizagem e que ela faz parte da Geografia, com a ideia de que com essas noções básicas, a Geografia passe a fazer sentido de fato e com isso, o aluno seguir compreendendo as propostas futuras que caberão aos próximos anos de sua vida escolar. Além



disso, a ideia de viabilizar esse processo a partir da relação do aluno com o próprio corpo, facilitou no sentido de que se a criança percebe o espaço a partir de si própria, a sua leitura do espaço fica mais clara e concisa.

Promover essa interação entre o sujeito e o espaço de uma maneira dinâmica e despretensiosa fez com que o professor alcançasse o objetivo principal de sua prática que era o de trazer a Geografia para a vida do aluno a partir de noções básicas de cartografia. É claro que o estabelecimento dessas relações não se dá somente a partir de uma aula e que, muitos não alcançaram plenamente nesse primeiro momento um entendimento concreto sobre o espaço trabalhado, pois a construção de uma boa leitura do espaço e, conseqüentemente, a alfabetização cartográfica acontece ao longo da vida e de acordo com os estímulos dispensados aos sujeitos desde seus primeiros anos.

O fato de perceber que nenhum aluno copiou o mapa da sala que estava no quadro, mesmo com a presença erros, deu ao professor o estímulo necessário para continuar tentando e promovendo este contato entre a Geografia e o cotidiano do aluno.

Referências bibliográficas

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Geografia. Ensino Fundamental. Primeiro Ciclo. Brasília, MEC, SEF, 1998

BREDA, Thiara. V. O uso de jogos no processo de ensino aprendizagem na Geografia escolar, São Paulo. 2013. 142 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

JULIAZS, Paula C. S.; DOIN, Rosângela de Almeida. Cartografia na Infância: As Relações entre a Verticalização da Figura Humana e a Representação Espacial. Revista Brasileira de Cartografia, São Paulo. v. 4. n. 66/4.p. 819-830, jul. 2014.

YASUKO, Elza Passini; PASSINI, Romão. Alfabetização Cartográfica como instrumento para significação do espaço geográfico. São Paulo: Cortez, 2012.